

# CANTOS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: A COSMOSÔNICA DOS ÍNDIOS YE'KWANA

Um **ARTIGO** de **PABLO DE CASTRO ALBERNAZ**,

Doutor em Filosofia pela Eberhard Karls Universität Tübingen, Alemanha, e Professor do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR)

“Os cantos são nossas vacinas”, afirma Elias Ye'kwana, cantor tradicional e barqueiro do posto de saúde de Auaris, região da Terra Indígena Yanomami, com mais de três mil habitantes e onde se localizam diversas aldeias Sanumá (subgrupo Yanomami) e a maior aldeia Ye'kwana no Brasil. Segundo o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde do dia 28 de maio, havia até então 3 óbitos e 44 casos confirmados de Covid-19 na região do distrito sanitário Yanomami e Ye'kwana.

**Epidemias que desestruturaram as condições para “estar no mundo” não são novidades para os povos indígenas da América.** Ao longo da história, muitos grupos foram dizimados por doenças decorrentes do contato. “Especialistas em fim de mundo”, como afirma o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, a maioria das etnias indígenas já experienciou ou ainda experiencia formas de destruição de seus modos de vida que resultam do avanço de frentes civilizatórias de expansão em seus territórios.

Com um histórico de contato iniciado no século XVIII, os Ye'kwana passaram por episódios dramáticos na relação com diferentes hordas de colonizadores. Essas experiências históricas, assim como os acontecimentos atuais, foram e continuam sendo experimentados por eles a partir das formas tradicionais de sua cultura e pensamento.

## Os Ye'kwana: povo de Wanadi

Na primeira metade do século XIX, os Ye'kwana foram descritos em relatos de viajantes como Alexander von Humboldt e Robert Schomburgk. Quase um século depois, o pesquisador alemão Theodor Koch-Grünberg iniciou sua pesquisa partindo de Roraima, Brasil, em direção à nascente do rio Orenoco na Venezuela, quando realizou os primeiros registros de cantos Ye'kwana<sup>1</sup>. Em descrições etnográficas pioneiras, Koch-Grünberg (1917) nos deixou relatos vívidos de rituais xamânicos, cantos de cura, bem como sobre a cosmologia nativa na qual *Wanadi* é o criador do mundo, das coisas e de todos os seres e *Odosha* (ou *Kahushawa*) a expressão do mal que atualmente vive no plano inferior do universo.

Um século depois de Koch-Grünberg, os Ye'kwana continuam contando histórias sobre *Wanadi*, *Odosha* e a importância dos sons musicais e artes verbais como terapêutica curativa. As narrativas sobre o surgimento do mundo descrevem como *Wanadi* concebeu a terra através dos cantos, do maracá e da fumaça do tabaco, mas teve sua criação atrapalhada por seu irmão gêmeo *Odosha*, nascido de sua placenta apodrecida.

Após três tentativas de criar a terra enquanto réplica perfeita de *Kahuña* (céu superior), *Wanadi* foi embora desse planeta,

<sup>1</sup> Esses fonogramas compõem o acervo do Arquivo Fonográfico de Berlim. Parte desses fonogramas foram publicados no CD: **Theodor Koch-Grünberg: Walzenaufnahmen aus Brasilien 1911-1913. Historische Klangdokumente Serien-Nummer 3. Berlin Phonogramm-Archiv, 2006.** Os fonogramas completos dos cantos Ye'kwana podem ser ouvidos nos arquivos digitais de minha tese, disponível em: <https://publikationen.uni-tuebingen.de/xmlui/handle/10900/100241>

deixando-o sob o domínio de *Odosha*, que passou a viver no “pé do céu” (*Kodijenha*).

Porém, antes de partir para um lugar desconhecido, *Wanadi* deixou aos *Ye'kwana* a promessa de que um dia voltará à terra e deu a eles seus cantos, plantas sagradas e histórias de *Watunna*, que são os meios de proteção contra os seres de *Odosha* (*Odoshankomo*) que dominam esse planeta.

### A cosmoônica Ye'kwana

O conceito de cosmoônica tem o objetivo de trazer luz à centralidade dos aspectos sonoros na cosmologia *Ye'kwana* e à indiscernibilidade de sons, cosmologia e sociedade. **Para esse povo indígena, são os códigos acústicos que criam a sociedade a partir dos referenciais do cosmos.** Além disso, seus cantos são os mesmos que ressoam desde o começo dos tempos visto que, quando os *Ye'kwana* cantam, eles imitam/repetem (*chujätöödö*) o caminho dos sons (*chämädö*) dos ancestrais.

Os seres de *Odosha* estão em toda parte – no espaço ao redor das casas, nas roças, nas florestas, nos rios – e podem causar adoecimento através da captura do *akaato* (alma, duplo), que é então levada para lugares distantes ocasionando a morte da pessoa.

Por isso, ao longo da vida, os *Ye'kwana* passam por inúmeros rituais chamados *a'chudi*, que podem ser invocados ou cantados, e visam purificar e proteger as pessoas. Outros cantos, chamados de *ademi*, são executados durante a inauguração das casas, a abertura de roças novas e depois que caçadores chegam à aldeia. Os “donos de cantos” chamados *a'chudi edajä* são os responsáveis pela comunicação com os seres do mundo invisível e gozam de grande prestígio entre os *Ye'kwana*.

Alguns cantos *a'chudi* são realizados para proteger e desenvolver a pessoa em fases específicas da vida; outros são usados, dentre outras situações, como remédios para estancar sangramentos ou hemorragias, diminuir a dor em ferimentos, tratar picadas de cobra e curar diarreias ou doenças estomacais.

Outro gênero específico de *a'chudi* chamado *wejuuma* visa trazer de volta a alma da pessoa enferma. Esse canto nomeia diferentes espécies de morcegos, aranhas e demais animais que possuam “linhas” (*wadeeku*) capazes de fazer a ligação com a alma do doente. As aranhas tecem suas teias e as esticam por longas distâncias; os morcegos voam à noite em diversas direções, dentro das grutas e acima dos rios. Por isso, o canto pede que

os morcegos encontrem o espírito do doente e que as aranhas tecam seus fios e o tragam de volta para o corpo.

O *ademi* cantado durante a inauguração das casas busca isolar o espaço doméstico afastando os espíritos de *Odosha*. Nessas cerimônias, que se estendem por três dias, os cantos, danças e consumo de bebida fermentada (*yadaake*) são meios por excelência de conexão (*wadeeku*) com o céu verdadeiro (*kahuña*), de modo que cantar, tocar, dançar e beber são ações que repetem os momentos primordiais narrados nos mitos de *Watunna*.

O canto cita espécies de cobras cegas, cobras corais, minhocas, calangos, centopeias, marimbondos, besouros e seres que vivem nos arredores das casas, pedindo para fechar seus caminhos e impedir sua aproximação. Manda para longe pássaros e suas peneiras invisíveis com que capturam as pessoas, e pede para o peixe piranha cortar os fios dos ventos, chuvas e temporais. O canto prossegue mandando para longe os cantos das aves de *Odosha*, cortando o caminho das chuvas e tempestades, bem como isolando o espaço da *ättä* (casa).

O mundo é, portanto, composto por múltiplos sujeitos que podem entrar em relação com os corpos, objetos e lugares, sendo a musicalização da natureza e dos seres o meio pelo qual se criam ligações (*wadeeku*) com os entes benéficos e se cortam as relações nefastas com os espíritos de *Odosha*, protegendo e curando os *Ye'kwana*.

### Cantos para adiar o fim do mundo

Conforme contam as histórias de *Watunna*, vivemos o terceiro ciclo da vida na terra. Quando *Wanadi* foi embora, ele deixou a promessa de retornar um dia para dar início a um novo período do planeta. Os indícios de que esse tempo se aproxima foram previstos pelos xamãs, através da chegada dos *ladanawe* (brancos) em definitivo no território tradicional *Ye'kwana*, conforme conta um ancião:

Os *füwai* (xamãs) diziam que os *ladanawe* iriam chegar voando pelo céu em máquinas grandes. Os xamãs previram a chegada dos brancos e fizeram xamanismo para tentar afastá-los. Ninguém conhecia os aviões e alguns anos depois os brancos chegaram sobrevoando nossas aldeias. Os xamãs previram que nós iremos nos misturar com outros povos e que desse modo nós iremos acabar. Assim os velhos nos contaram a palavra dos antigos xamãs.

As narrativas de *Watunna* relacionam a chegada dos brancos no território Ye'kwana às mudanças climáticas e ao fim dos xamãs, dos cantos e do atual ciclo cósmico do planeta, concebido como lugar contaminado (*nonodö amojje*). Em tempos de pandemia, essa proximidade ganha contornos dramáticos para um povo que historicamente habita regiões próximas às cabeceiras dos rios, nas quais é possível vigiar as zonas fluviais e selváticas e ter certo controle sobre o contato com os brancos e estranhos. Há algumas décadas os Ye'kwana possuem contatos regulares com os não-indígenas e *Fuduuwaduinha*, a maior comunidade no lado brasileiro, é circundada por um posto de saúde e um posto militar de fronteira, o que faz do local uma região de muita circulação de forasteiros. Foram inclusive funcionários da saúde que levaram a Covid-19 para Auaris. Em outras regiões da Terra Yanomami, como *Waschainha*, comunidade Ye'kwana, dezenas de milhares de garimpeiros invasores têm sido vetores de disseminação da Covid-19 nas aldeias.

Vicente Ihuruana, o último grande conhecedor Ye'kwana vivo, ensinou por meio de contatos radiofônicos a seus parentes de outras aldeias como preparar o remédio tradicional feito com

plantas da floresta e cantos específicos. Todas as famílias prepararam esse tratamento para imunização, e cantos *a'chudi* são executados com o objetivo de “mandar a doença para longe”. Algumas famílias, no entanto, decidiram se embrenhar na floresta em longas caçadas, buscando fugir dessa nova doença que os ameaça de extermínio.

Enquanto cientistas buscam uma vacina contra a Covid-19, os Ye'kwana continuarão cantando para cuidar do planeta e afastar de suas aldeias os espíritos de *Odosha* que adoecem e matam – tentando se proteger com os cantos, suas “vacinas”.

### Bibliografia

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Vom Roroima zum Orinoco. Ergebnisse einer Reise in Nordbrasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913. Erster Band. Schilderung der Reise. Berlin: Dietrich Reimer, 1917.



Foto: Pablo de Castro Albernaz